

O Desporto e a Ética de Ausência pelo Bem-estar: por uma nova missão¹.

Rui Penha Pereira²

(ruipenhapereira@gmail.com)

Resumo

Há uma visão antiga segundo a qual o grande sentido da vida é vivê-la em Bem-estar, tida aqui também como a vida educada. A tarefa aqui proposta é a de contribuir para o esclarecimento do papel do desporto para tal desígnio que é o de se viver uma vida boa. Fundamentalmente, procura argumentar-se que o bem-estar está ligado a uma ética que transcende a mera discussão do bem e do mal e que tal é a expressão profunda dos naturais anseios da alma humana que em essência se vê espelhada no ato amoroso como um dar desinteressado. Propõe-se uma definição de desporto, a partir da análise de outras definições. Introduce-se uma visão de bem-estar como ausência de sete formas de desordem para seguidamente alargar a análise ao fenómeno do “racismo”, aqui designado de fenocismo, do conceito de fenótipo. Finalmente insiste-se na urgência do desporto cumprir a sua missão completa ao assumir-se como o massificador de técnicas de promoção das performances da mente, a par com as do corpo, para o bem-estar do indivíduo, cumprindo-se a revolução da “mente sã em corpo sã”.

I – Desporto, Arte e o ato desinteressado

Desporto e arte podem coincidir na fácil oferta da possibilidade da contemplação estética e da fruição do Belo. A arte é vista por ter este como inevitável, mesmo que por oposição expressa aponte para a fealdade. O desporto pode fazê-lo pela frequente exibição dos corpos trabalhados e das técnicas em que se envolvem. Por vezes podem ser vistos misturados. Pense-se, como exemplo, na patinagem artística. Por tudo isto, talvez não seja difícil reconhecer que sem elas as nossas vidas poderão ser vistas como vividas em menor desfrute. Assim, desporto e arte, parecem ser veículos preferenciais para revelar a ligação que vai do Belo ao Bem e tocarem com delicadeza a Verdade e a Realidade, ao lhe sublinharmos a facilidade de oportunidade na contemplação estética desinteressada, quer na sua criação-participação, quer na sua contemplação. Quer dizer, o ato interessado apenas na coisa ela mesma, a contemplação-participação, em desinteresse de tudo o resto. Este envolvimento distraído, ingénuo e profundamente genuíno - e por isso em Verdade para além do contingente - desde sempre é visto por muitos como revelador do mais profundo da alma humana, uma Realidade última.

II – Da Definição de Desporto e Competição

Da etimologia da palavra desporto a sua origem parece estar no verbo francês “deporter”, divertir, distrair, que leva a “deport” com o sentido de divertimento e jogo. Quanto à palavra jogo é dado como descendente do latim “iocus” e “iocare” com os sentidos de brincado, folguedo, divertimento e passatempo sujeito a regras. Tem-se, pois, um sentido geral implicando o divertimento, o lúdico, supostamente envolvendo o corpo humano em significativo empenho e movimento.

Por outro lado, ao olharmos para o problema de como definir desporto face às práticas correntes, podemos começar por detetar duas tendências. A primeira adota o discurso social diversificado e mantém um significado difuso de acordo com as nuances deste. Por exemplo, uma competição de pombos promovida por uma qualquer associação columbófila, ou de jogos de computador, vulgo “gaming”, podem ser chamados de desporto. A segunda tendência aventura-se na formulação de uma definição,

¹ Comunicação dirigida no âmbito do Plano Nacional de Ética no Desporto (PNED), à Terceira Ação de Formação em Ética no Desporto, Viseu, 14 de setembro de 2020.

² Instituto Superior de Engenharia, Secção Politécnica da Universidade do Algarve.

aceitando as imperfeições que possam emergir da mesma. Aqui podem igualmente ser distinguidas duas vias, consoante se restringe o conceito apenas à competição, ou se este é expandido ao exercício físico conducente, em resumo, ao famoso slogan “mente sã em corpo são”.

Abandonando a primeira tendência do discurso difuso porque um pouco caótico e errático, que é o que precisamente se quer corrigir, concentremo-nos em rês definições da segunda tendência. A primeira restringe o conceito de desporto aos aspetos competitivos e é adotada pela Associação internacional de Federações Desportivas (“Global Association of International Sports Federations” – GAISF), ex. SPORTACCORD, e dispõe que o desporto deve: “incluir um elemento de competição, não se basear em sorte, não colocar riscos desnecessários à saúde dos atletas, não ser ofensivo para criaturas vivas e, finalmente, não depender de equipamento de um só produtor”. Esta definição servirá os propósitos desta associação. É muito interessante ao apontar que a atividade desportiva não deve ser perigosa para a saúde de atletas e de outras criaturas, mas omite completamente tudo o restante referente à “mente sã em corpo são” e ao divertimento e deixa de fora todo o exercício físico dirigido, por exemplo, aos alunos das escolas e tudo o mais nos cursos de formação para os futuros professores destes alunos. Seria perder demasiado. Concentra-se sobretudo nos resultados competitivos.

Mais genérica e com bom acolhimento é a conhecida definição que consta da Carta Europeia do Desporto: “Desporto são todas as formas de atividade física que através de uma participação organizada ou não, têm como objeto a expressão ou melhoramento da condição física e bem-estar mental, o desenvolvimento de relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”.

O problema aqui é que os alunos ao debaterem a definição fizeram notar que algo como a fisioterapia caberia facilmente nela dado tratar-se de “... uma atividade física que através de uma participação organizada ou não, tem como objetivo a expressão ou melhoramento da condição física ...”. Acontece que a vantagem de se dispor da definição de algo é o facto de aí nos inspirarmos para orientações de base e ainda para eventualmente a melhorarmos. Os alunos apontaram ainda que as ciências da saúde, em geral, estão preocupadas sobretudo com patologias ou com a sua prevenção, centrando-se na necessidade de soluções para recuperar situações de doença para um estado normal. Ora acontece que facilmente se pode concordar que o desporto tem um âmbito diverso e que é o de elevar estados físicos e mentais em estado próximo do tido por normal, a estádios mais elevados de performance para o bem-estar. Ainda, foi notado que a definição em causa não precisa o que é a competição desportiva e haveria conveniência em tentar fazê-lo.

Assim, em tentativa de melhoria propõe-se aqui o resultado de tais debates e que se designa, pois, de “Definição de Desporto dos Alunos”: “desporto é a atividade programada envolvendo treino condicionado e ação crítica para melhorar e transcender o estado normal da unidade corpo-mente no sentido do maior bem-estar para a vida; pode exercer-se individualmente ou em grupo e pode ter como objetivo a competição proporcionadora de espetáculo e disfrute de convívio quer de participantes diretos quer de públicos; a competição é desportiva quando em cooperação na aceitação de regras comuns, os participantes atingem os respetivos resultados em divertimento e alegria e sem daí derivarem sentimentos destrutivos de inferioridade-superioridade psicológica e absoluta, e onde a emoção competitiva tende a derivar da incerteza do resultado final”. Mas se o desporto é para o bem-estar, há que precisar melhor este conceito.

III – O Sentido da Vida e o Bem-estar

Dos confins da Grécia antiga são-nos trazidas visões fundamentais para a vida que continuam a poder ser vistas como centrais e sempre atual. Nesta tradição podemos formular, rapidamente, a seguinte: o sentido da vida é esta ser vivida em bem-estar; o bem-estar é uma certa tranquilidade reflexiva; tal tranquilidade reflexiva tem raiz na autossuficiência ou autonomia da pessoa; esta autonomia não só como uma capacidade para fazer escolhas livres, mas sobretudo como uma capacidade para um estar só que mobiliza a ação discreta e não volitiva para ajudar o outro; esta ação é transcendental ao estar em ausência de egoísmo e é a ação do ato amoroso ou desinteressado. Em suma, o nosso eu mais profundo nutrido nele mesmo num dar transcendental.

Apresenta-se aqui uma visão de bem-estar que se enquadra próxima de uma lista objetiva e numa ética de ausência. Pretende ser uma visão do bem-estar para a ação e inteligência práticas. Adota a chamada *via negativa* que se centra numa lista de sete formas ou fontes de desordens que, sempre em contexto, nos podem trazer sofrimentos e perturbações desnecessários à pessoa e, logo, menor bem-estar. Apenas pelos títulos tem-se: Comparação, Corrupção, Dependência, Divisão, Medo, Auto desintegração e Violência. Esta lista será a referência para enquadrar e analisar os muitos problemas que nos surgem a nível pessoal e a nível social incluindo naturalmente os problemas que ameaçam os fundamentos do desporto. Pensemos, por exemplo, em clubismos doentes a pender para diversos graus de fanatismos que podem gerar exageradas afiliações a símbolos concentrados em cores que se perturbam com as cores “contrárias”, indo até aos “claquismos” a requerer contenção por “robotcops” e lobos da alsácia. Estaremos aqui a lidar com aspetos de dependência e divisão. A afiliação psicológica exagerada a organizações, usualmente podendo ser mediada pelo poder dos símbolos e das cores, confunde o nosso destino e satisfação com os destas. Revelando um lado mais infantil, patenteia falta de autonomia característica da pessoa adulta e educada. A divisão fanática equivoca-se completamente, podendo transformar em literal um discurso metafórico em torno da competição e contendo palavras como: jogar contra, adversário, derrota, vitória, enfrentamento, esmagamento, resultado humilhante, etc. Num exemplo mais largado, olhemos agora para a divisão em fenocismo.

IV - O Fenocismo (“racismo”) e uma Ética de Ausência para o Desporto

As palavras são poderosas e são mesmo apontadas como moldando o nosso universo cognitivo. De todas as ciências concorrentes para este tópico do fenocismo, naturais e sociais, como a genética e a antropologia, de há muito que temos a informação de que a espécie humana não tem variação genética significativa para ser apropriado haver delimitação de raças diferentes. Numa palavra, aqui, raças não existem. Então o que há? Como também é comum apontar-se, o que há são alguns traços superficiais na aparência da pessoa, o fenótipo, que revelam inexpressivas diferenças no genótipo: tons de pele, textura de cabelo, contorno dos olhos, etc. Assim, o que vulgarmente se segue é que as pessoas, exatamente como se falou atrás do clubismo, por medos diversos se afiliam psicologicamente à superficialidade de um certo subgrupo, em dependência e em divisão. Já vimos que tudo isto revela falta de autonomia ética. Só que, aqui o problema complica-se porque aqui as coisas podem ser mediadas por coisas como as cores, já não em símbolos como bandeiras ou camisolas, mas percecionadas como definindo o corpo humano e sendo-lhe inerente. Adicionalmente as cores são percecionadas pela visão que parece ser nos humanos o órgão dos sentidos que em condições normais mais contribui para tonar concreto o que percecionamos. As coisas parecem complicar-se num outro movimento quando tais tons de cores, em sucessivos afastamentos da verdade como caminho para a realidade, são transcritos por palavras simplistas, e é aqui que surgem coisas como o “branco”, o “preto”, o “negro”, o “amarelo”, o “castanho”, ou mesmo o “pele vermelha”.

Através de uma ética de ausência, tudo isto tem uma leitura mais fácil. Todos os que sentem necessidade de mobilizar a tolerância sentem-se ainda divididos do outro e podem mesmo ser palco do surgimento da violência reprimida. Pelo contrário, é precisamente a ausência total da necessidade de tolerância que aponta para uma espontânea e virtuosa comunhão com o outro. A única possível ausência do Fenocismo, ele mesmo, que verdadeiramente transcende a divisão do outro. Um simples exemplo coloca tudo isto bem claro. Suponhamos que decidimos constituir uma divisão fenotípica dos humanos pela cor percecionada nos seus olhos, usualmente transcrita com palavras como dizendo que as pessoas têm olhos pretos, castanhos ou azuis. Como é que o grupo com olhos pretos se poderia sentir verdadeiramente em comunhão não discriminatória com os outros grupos, tendo que exercer tolerância no relacionamento com eles? Ou não será precisamente a ausência total e absoluta de tal necessidade de tolerância que ausenta a divisão e a possível discriminação e violência nas suas diversas subtilezas e formas? Assim, a ausência verdadeira é total e é um não problema localizado em lado nenhum. Lido por uma ética de ausência das formas de desordem tudo isto pode passar a ser muito mais claro e simples. Desta visão que constata tantas ilusões socialmente construídas, há que lembrar a urgência da missão para o desporto finalmente se completar na liderança do treino das técnicas da mente, a par das do corpo.

V - Liberdade, Igualdade E Fraternidade: uma nova missão para o desporto no treino da mente.

Se olharmos para a tradicional trilogia associada à chamada revolução francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade – talvez possamos estar em condições de lhe dar um cunho para além daquele em que geralmente é entendida e que se situa mais ao nível político e social. Lembrando-nos do que foi dito sobre os jogos psicológicos envolvendo a inferioridade-superioridade absoluta que mencionamos na Definição de Desporto dos Alunos, podemos agora reler a trilogia mais a nível pessoal: se cada um de nós estiver em verdadeira liberdade de tais sentimentos de inferioridade-superioridade em relação aos outros então talvez se possa instalar uma certa igualdade entre nós e os outros que possa, finalmente, conduzir às melhores oportunidades para as delicadezas da fraternidade entre vários.

Tal liberdade deverá ser a semente para todos no desporto – cursos de desporto, professores, alunos, teorizadores, praticantes, gestores de organizações desportivas, etc. - poderem empreender apaixonadamente a concretização plena do cerne das mais consensuais definições de desporto, as que incluem a “mente sã em corpo sã”, dando igual atenção ao treino programado da mente, que dão ao treino programado do corpo. O desporto deve, pois, assumir-se como o massificador de técnicas de promoção das performances da mente, nomeadamente a meditação (“mindfulness”) empreendendo e liderando uma massificada revolução geracional para o Bem-estar de todos.